

Biblioteca - Unemat - PLA



00014053

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14053
Data 14 / 09 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 0124 CÓPIA ANTIGA
Data 25 / 02 / 2007
() Compra (x) Doação () Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DO CONTO "MEU TIO O IAUARETÊ", DE
GUIMARÃES ROSA.

SILMARA DE OLIVEIRA

Pontes e Lacerda – MT
Novembro de 2006.

81-26
0482
ex. 02

SILMARA DE OLIVEIRA

A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DO CONTO "MEU TIO O IAUARETÊ", DE
GUIMARÃES ROSA.

Monografia de conclusão de
curso de graduação em Letras,
apresentada ao Departamento
de Letras (DL) da Universidade
do Estado de Mato Grosso –
Campus Universitário de Pontes
e Lacerda, como requisito parcial
para a obtenção do título de
graduada em Letras.

Orientadora: Profª Ms. Susanne
Castrillon.

Pontes e Lacerda – MT
Novembro 2006.

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

PROF^a Ms. Elair de Carvalho
(convidada)

Prof^a Ms. Susanne Maria Lima Castrillon
(orientadora)

Prof^a Ms. Renata Beatriz Rolon
(convidada)

Local e data da aprovação

Agradeço a Deus por ter me dado forças
para cumprir mais uma etapa difícil da
minha vida;
Pela família que tenho ao meu lado.
Pelos amigos da faculdade;
Por este trabalho que através de palavras
me incitava a dar continuidade à
pesquisa.

O escritor não inventa "significantes" inteiramente novos, dissociados das formas existentes em sua língua; ele não cria uma língua própria, independente da sua". Ao contrário, sua tarefa é explorar as possibilidades latentes dentro do sistema da língua com que está lidando e conferir existência concreta aquilo que existia até então como algo meramente potencial. (COUTINHO: 1983, p.205)

RESUMO: Neste trabalho apresentaremos o manancial lingüístico que enreda a obra de João Guimarães Rosa, mais especificamente o conto "Meu tio o lauaretê" da coletânea *Estas Estórias* (2001). Nele o autor utiliza sua grande criação artística e lingüística para fazer a sua arte-palavra. A linguagem ali é uma mistura de línguas indígenas, a língua portuguesa, ou seja, a linguagem na sua condição arcaica e outras construção com o falar do sertanejo brasileiro. A narração é feita em primeira pessoa, por um narrador - personagem que narra para um suposto visitante suas aventuras e conflitos na floresta, e sua linguagem parece refletir suas origens, ao ponto de configurar toda a relação conflituosa que ele se encontra em busca de uma nova identidade. Fernando Py (1983) ao citar Haroldo Campos, fala da similaridade da técnica deste conto e o considera um dos estágios mais avançados da linguagem rosiana, indo além de sua obra prima o *Grande Sertão : veredas*.

PALAVRA-CHAVE: mistério – conflitos – linguagem – identidade – metamorfose.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Da história para a estória.....	12
2. Guimarães Rosa : A construção do personagem através da linguagem.....	15
2.1. "Meu tio o laurotê": enredo e metamorfose.....	17
2.2. A linguagem como parte constitutiva do ser humano.....	21
2.3. O implícito na linguagem do laurotê.....	24
3. A face humana no fictício	28
3.1. O Epifânico em Guimarães Rosa.....	30
Considerações Finais.....	33
Referências Bibliográficas.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS

MTI – Meu tio o lauaretê

GR - Guimarães Rosa

INTRODUÇÃO

Este trabalho enfocará a obra do escritor João Guimarães Rosa e seus experimentos na prosa poética. O escritor brasileiro realizou inovações na linguagem literária e transpôs para a ficção, a atmosfera conflituosa vivida no país na década de sessenta ao tentar modernizar-se. Constitui assim, segundo o crítico Assis Brasil uma obra de teor universal por representar o homem em seu mundo.

Das obras do autor GR, o ***Grande Sertão: Veredas*** é a mais conhecida, porém há uma diversidade de outras tais como a coletânea ***Primeiras Estórias, Terceiras Estórias***. E ainda aquela que guiará nossa pesquisa sobre a linguagem Rosiana: ***Estas Estórias***.

No conto “Meu tio o lauaretê”, considerado um monólogo interior por ter apenas um locutor, o autor faz um dos seus mais árduos trabalhos com a língua. À luz do crítico Haroldo Campos (1992), esse texto ficcional é rico em expressões, ambigüidades, pontuações e em mistura de derivados da língua portuguesa e da língua indígena. O conto é narrado por um narrador – personagem que conta a um suposto visitante as suas aventuras na floresta a procura de caçar onças. Ao longo da sua narração, o onzeiro indaga causos de onças e caças que ele fizera, das vítimas da onça e, expressa, através do relato, o desejo de ser onça, declarando até mesmo ser parente delas.

A narrativa construída em linguagem híbrida auxilia na veracidade da criação do personagem transformado em homem onça, pois o reforço ocorre pelo teor primitivo dos seus relatos. Há uma grande presença de pontuação, interrogações, exclamações e afirmações que podem sugerir uma base conflituosa do personagem.

Nesse prisma, esse trabalho de pesquisa, portanto, versará sobre essa perspectiva de criação da linguagem, que neste conto parece refletir o momento conflituoso do personagem em busca de uma nova identidade e de suas origens.

Dividimos-lhe em vários capítulos para facilitar a organização por tópico temático ou por elementos da narrativa. No primeiro capítulo focalizamos

o contexto da obra rosiana, com seus desenvolvimentos e problemáticas sócio-históricas. Daremos ainda nesse capítulo enfoque a História Literária, não enquanto perspectiva analítica, mas para recolhermos elementos estéticos que amplie o nosso olhar à linguagem. Além disso, o Modernismo é caracterizado pela almejada busca por uma identidade para a literatura e as artes tal qual o projeto identitário da linguagem rosiana .

As obras de Guimarães Rosa estão situadas na terceira fase do período modernista. Toma a fala do jagunço, do homem do sertão, porém seus conflitos vão além do seu próprio tempo, como havíamos dito anteriormente, são de teores universais.

Após esta situada no tempo literário, no segundo capítulo iremos caracterizar a linguagem inovadora de GR, daremos ênfase na importância que ela desempenha na obra do autor diante dos críticos. Afrânio Coutinho (1983) afirma – nos que na linguagem literária não existe uma língua criada pelo artista; há a exploração das possibilidades que a língua oferece que torna possível devido ao grande conhecimento do escritor sobre elas.

A primeira divisão do capítulo pretende apresentar o enredo da narrativa; na segunda parte do capítulo, embasados na teoria de Freud (1976), buscaremos explicações para entender o ser conflituoso que existe no onheiro miscigenado. Assim, buscaremos em A.R. Luria (1979), as capacidades que permeiam o homem que o levam a diferenciar-se do ser animal. Supomos em nossa pesquisa que, o narrador-personagem, enquanto fantasia, torna possível sua transformação em homem onça, porém perante suas capacidades de ser consciente o leva ao fracasso perante suas vontades. E, por conseguinte, daremos ênfase à importância da linguagem para o homem e ao que acarreta a escassez desta ao perfazer a constituição do onheiro.

No terceiro capítulo discutiremos o conceito sobre realidade x ficção afirmando, em bases teóricas - críticas, que a natureza misteriosa dos seres é para o romance moderno a representação complexa desta realidade.

Com base no que foi dito até agora, iremos nos capítulos que prosseguem a pesquisa falar um pouco deste ser conflituoso, que existe no onheiro miscigenado e da linguagem inovadora do seu criador.

CAPÍTULO I

Da história para a estória.

O Modernismo como afirma Antônio Cândido (2000), surgiu com o objetivo de construir uma identidade para a literatura brasileira, enquanto que o Romantismo coube renegar a cultura européia e a influência nas artes, este período surge com o intuito de não imitar o que há lá fora, mas sim absorver o que eles têm de melhor. Esse pensamento, de certa forma, está contemplado no manifesto da "Antropofagia", de Oswald de Andrade.

Na literatura brasileira, há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo (...) é o chamado Modernismo (...) mas enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa a afirma contra ela a peculiaridade literária no Brasil, o segundo desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão (...). (Cândido: 2000, p.112)

Antes de darmos continuidade, voltemos um pouco para comentar sobre o momento histórico, que engajou o movimento no Brasil. Por volta de 1922, o Brasil estava em constante luta por poderes, de um lado São Paulo e de outro Minas Gerais, que constituiu a "política do café com leite". Com a revolução industrial, houve grande desenvolvimento e aumento na indústria brasileira, com isto houve a necessidade de mão de obra qualificada, que acarretou num grande fluxo imigratório para o país, principalmente da Itália. Por sua vez, os italianos tinham grandes experiências em lutas de classes e trabalhistas, o descontentamento com a política que vigorava, surgiu o primeiro jornal da cidade de São Paulo, em que deram início a publicação de artigos de vários escritores da época que repudiavam a situação social.

(...) O modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida em torno de 1930 (a crise cafeeira, a revolução, o acelerado declínio do nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim, por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração - documento que então prevalecia. (BOSI: 1976, p. 436)

Com o passar do tempo o movimento artístico, com o apoio de diversos escritores dentre eles, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, etc, gerou a força necessária para a criação "Semana da arte moderna," que contou com a influência das vanguardas européias os ISMO (futurismo, expressionismo, dadaísmo, cubismo, e surrealismo) e também foi considerado um movimento artístico de abrangência político – histórico.

Na solenidade, Oswald de Andrade inaugurou o evento esboçando sobre o movimento "Antropofágico", em que relatou a importância de criar uma literatura brasileira, que não fosse cópia do modelo europeu, mas que pudesse extrair bons exemplos de qualidade que as vanguardas tivessem a oferecer. Assim o modernismo dividiu-se em três fases distintas: 1ª, 2ª e 3ª fases. Na primeira fase o principal representante foi Mário de Andrade que inaugurou o período com a obra **Macunaíma (1931)**. Esta fase representou o início da almejada busca de uma identidade para a literatura brasileira. Sendo assim, o autor soube dosar o folclore, as lendas e a linguagem coloquial característica do povo. O herói escolhido foi um índio, que faz partes das bases culturais da história do Brasil, caracterizado por ser preguiçoso, malandro e esperto, sendo a obra **Macunaíma**, considerada uma síntese ao povo brasileiro. De modo que esta fase caracterizou-se pelo teor primitivo dos relatos; uso do poema, paródia, humor, sátira; revisão da história e da literatura; da linguagem coloquial que representa traços de um povo.

A segunda fase é constituída por um estilo crítico da realidade social do país. Os romances dos anos 30, como ficaram conhecidos, possuem na grande maioria autores nordestinos, que aborda temas de vaqueiro, coronelismo, desigualdades sociais e políticas, etc. O grande nome desse período foi Graciliano Ramos, que recria a realidade regionalista do povo do nordeste. Em sua obra **Vidas Secas (1938)**, o personagem Fabiano e sua família, representam o povo do nordeste que sofre devido à seca e pelo descaso político que ocorre no país.

Na última fase do período destacam-se Guimarães Rosa e Clarice Lispector. As obras destes autores são caracterizadas por romances de

sondagem psicológica, poema discursivo, sertão mítico e desenvolvimento do conto e da crônica, vanguardas poéticas, etc. Conforme o apresentado esta fase deu continuidade ao intuito do movimento criar uma literatura que realçasse as peculiaridades de nossa cultura, mas que absorvesse os grandes ensinamentos das vanguardas européias.

Assim após fazer uma localização histórica, daremos ênfase ao nosso intuito, explorar os aspectos literários da obra de Guimarães Rosa "Meu tio o laurotê."

CAPÍTULO 2

Guimarães Rosa: A construção do personagem através da linguagem

Guimarães Rosa inovou ao conduzir a narrativa, fazendo de sua arte, criação. Numa linguagem elaborada, em que traços típicos de um povo, misturados á criatividade que o aguçava, fazia das palavras dizerem mais do que elas mesmas pareciam significar. Como afirma Assis Brasil:

João Guimarães Rosa sempre se debateu, como Joyce como Faulkner, entre o fascínio da prosa pela prosa e da prosa como inerente á criação, da prosa como linguagem, sendo a própria expressão do personagem e de seu mundo. (BRASIL:1969,p.60)

Falar sobre linguagem não poderíamos deixar de citar Saussure (1998), importante referente para os demais estudiosos da língua, que em seu estudo sobre o signo lingüístico fez sua distinção entre “significado e significante”, em que o primeiro correspondia a imagem acústica e o outro ao conceito acionado na mente a partir da imagem do objeto. Porém, devido à arbitrariedade que une os dois signos, houve modificações, segundo Coutinho (1983), dentre os estudiosos que polemiza a classificação Saussuriana destaca-se o estilista espanhol Damaso Alonso, que acusa o lingüista de ter negligenciado o fator emocional, que influencia para que uma pessoa tenha um determinado conceito, que depende dentre outros fatores do grau de envolvimento, classe social, etc. Outro estudioso que podemos destacar é Mikhail Bakhtin (2002) filólogo russo, pesquisador e crítico literário, que fez severas críticas ao Saussure ao fazer a distinção **Língua – Fala**, desconsiderando a segunda em seu estudo elimina o sujeito como parte operadora deste fenômeno. Para Bakhtin não há uma linguagem individual, ou seja, uma não pode existir sem a outra. Veja o que ele diz:

O sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião) e não um "dialeto individual". O caráter individual, e os destinos individuais e o discurso individual são por si mesmos, indiferentes para o romance. (BAKHTIN:2002, p.135)

O autor GR desde cedo demonstrou interesse pela apreciação da natureza e pelas línguas. Nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Em 1908, conclui o ensino médio em Belo Horizonte, quando começa a revelar o seu interesse pelas artes. Cursou medicina, e exerceu sua profissão em Itaúna e Barbacena. Aprendeu sozinho o Alemão e o Russo e ingressou na carreira diplomática em 1934. Somente a partir de 1956 obteve reconhecimento como escritor já estando de volta ao Brasil, com as obras **Grande Sertão: Veredas e Corpo de baile (1956)**, traduzidas para diversos idiomas, o francês, o italiano, o espanhol, o inglês e o alemão. Aos cinquenta e nove anos morreu de enfarte, três dias após ser convidado para compor a academia brasileira de letras.

No conto "Meu tio o laçaretê", percebemos o quanto a linguagem recria o mundo do autor. Para quem lê a primeira vista parece se tratar de uma língua indígena misturado a língua portuguesa, devido ao diálogo que o personagem conduz do início ao fim com um suposto visitante as suas aventuras na floresta a procura de caçar onças, que muitas das vezes o onceiro é acometido pelo arrependimento de matar onças, por considerá-las parentes suas. Assim com este teor primitivo dos relatos, possibilita uma melhor aproximação do leitor com o narrado de forma que permite maior veracidade dos fatos e também com a constituição do personagem.

Ao prosseguirmos a leitura do conto percebemos não se tratar exatamente de um índio puro, e sim de um mameluco, pois como o próprio onceiro diz, seu pai era branco e sua mãe índia. Conforme segue a narrativa, a astúcia, a malandragem, o arrependimento em matar onças, reúne todo o sentimento que acomete o índio e o branco no contexto histórico. Assim todos estes aspectos inerentes à narrativa, nos conduzem enquanto leitores atentos, através da linguagem deduzir que o teor maior deste conto constitui no mundo miscigenado não só da raça, como também da língua que refletem em suas atitudes. Como afirma Walnice Nogueira Galvão:

(...) traduzindo de um universo de discurso para o outro, o nosso, o título "Meu tio o lauaretê", sintética e admiravelmente, propõe o branco, o índio e a onça misturados, tal como no texto se misturam o português, o tupi e o animal dos resmungos e rugidos" (GALVÃO:1978, p.21)

Ainda no ensaio intitulado **O Impossível Retorno (1978)**, Walnice Nogueira Galvão, sobre o conto em questão, dá ênfase a tentativa do homem ao retorno a vida animal. Como em Levi Straus, considera o conto uma reflexão sobre a natureza e cultura, em que o domínio do cozido estaria interligado a civilização, e o cru, ao domínio da natureza. Sintetiza para a compreensão da passagem do cru ao cozido, os mitos dos povos pré – colombianos com a mitologia Universal, que considera o fogo sinal de progresso e bem estar, mas também de desgraças a humanidade. A estudiosa de GR fala ainda do mito do jaguar solar, que a princípio, a onça era considerada "a senhora do fogo", e esclarece que para muitos povos indígenas descendentes na América, ela é um ancestral, de modo a se inserir não só na mitologia dos povos brasileiros, mas também de vários outros na América latina.

A arte de Guimarães Rosa enquanto essência universalista parte em direção ao mundo representativo seguindo a linha aristotélica da mimese em que afirma: "Imitar não é copiar, mas sim criar." (PORTELLA:1983, p. 200)

Deixar de lado a história para ser estória é o modo de criação artística que recorre a maior parte dos escritores dentre os quais Guimarães Rosa que através da inovação na linguagem, explorando suas possibilidades, desenvolve sua arte sem contrariar as regras que regem a língua portuguesa.

2.1 "Meu tio o lauaretê": Enredo e metamorfose

O conto "Meu tio o lauaretê", do autor João Guimarães Rosa, esta situada na coletânea "estas estórias", que foi organizada por Paulo Ronai,

sendo uma obra póstuma. Há no conto um narrador personagem que narra para um suposto visitante suas aventuras e conflitos na floresta ao caçar onça. A obra é considerada um monólogo – interior, pois apenas um personagem narra do início ao fim o seu ponto de vista da estória. O personagem é de origem miscigenada, sua mãe era índia e seu pai branco como o próprio afirma, sua linguagem e seus atos parecem refletir suas origens:

___ Hum? Eh – eh. . . É. Nhor sim. Á – hã, quer entrar, pode entrar. .
 .Hum, hum. Mecê sabia que eu moro aqui? Como é que sabia? Hum
 – hum . . . Eh. Nhor não, n't, n't . . . Cavalo seu e só esse sô? Ixe!
 Cavalo tá manco, aguado. Presta mais não. Axi . . . Pois sim. Hum,
 hum. Mecê enxergou este foguinho meu de longe? É. A pois. Mecê
 entra, cê pode ficar aqui. (ROSA: 2001, p.191)

No primeiro parágrafo que se inicia o conto com um travessão, dá a supor que se trata de um diálogo, no entanto, há somente um locutor que fala, responde, ao mesmo tempo questiona pelo seu suposto interlocutor. Durante a narração o onzeiro fala da cachaça trazida pelo visitante na qual demonstra muita apreciação, e com ela é acompanhado até o final da narração: “ Bom. Bonito. A – hã! Essa sua cachaça de mecê é de muito boa. Queria uma medida – de – litro dela . . . (ROSA: 2001, p.19)

A medida que o tempo passa, a conversa ganha ares de mistérios e intrigas, então o caboclo mestiço começa a indagar causos de onças e a declarar ser parente delas, da mesma forma em que questiona o fato, ele mesmo responde. Noutro trecho inicia a falar da sua missão na floresta a mando do patrão Nhô Nhuão Guede, declara ter matado inúmeras onças, mas se mostra arrependido, e como prova de seu arrependimento irá jogar no rio a cabaça cheia de pedras que havia juntado a cada onça morta por ele.

Mais adiante o onzeiro começa a falar das pessoas que por ali já viveram e que foram mortas pelas onças. Conforme o andamento da conversa e a mais alta degustação da cachaça o personagem começa a contar detalhes da morte daquelas pessoas que foram por ele levadas para serem toalhadas pelas onças. Ele demonstra satisfação no feito o que pode indicar que esta

forma de sacrifício foi o modo encontrado por ele para se vingar dos humanos e uma maneira de estar mais próximo da sua nova raça.

Porém há um momento em que ele resolve dar uma outra chance a um humano é quando no momento exato em que prepara mais uma cilada, ele é surpreendido por um elogio de uma mulher denominada Maria Quirineia que elogia a sua mãe, e acaba se salvando por mexer com a parte afetiva do onheiro:

Eh, aí eu levantei, ia agarrar Maria Quirinéia na goela. Mas foi ela que falou: __ "Oi: sua mãe deve ter sido muito bonita, boazinha muito boa, será?" Aquela mulher Maria Quirinéia muito boa, bonita, gosto muito dela muito, me alembro. (ROSA: 2001, p.232)

Um dos fatos que nos levam a crer na metamorfose do onheiro é devido ele não se considerar com uma identidade, ou seja, um nome e sim constituir um novo ser que de acordo com a organização de vida não necessita mais:

Nome meu minha mãe pôs: Bacuriquirêpa. Breó, Beró, também. Pai meu me levou pra o missionário. Batizou, batizou. Nome de Tonico; bonito, será ? Antonio de Eiesús. . . Depois me chamaram de Macuncôzo . . . nome era de um sítio que era do outro dono, é um sítio que chamam Macuncôzo . . . Agora, tenho nome nenhum, não careço. Nhô Nhuao Guede me chamava de tonho tigreiro. (. . .) me trouxe pr' aqui, eu nhum, sozim. Não devia! Agora tenho nome mais não. . . (Rosa: 2001, p. 215 - 216)

Neste trecho além de sugerir a perda da identidade do tigreiro, expressa também sua revolta com seu ex - patrão, que o levou para aquele lugar isolado do mundo e que pode ter sido fator recíproco no seu atual modo de vida. Além do mais, conforme o que sabemos o sujeito pode exprimir e se constituir a partir do meio em que vive. Assim à distância da civilização e o contato com toda esta permeabilidade do verde e dos animais pode ter conduzido-lhe a uma maior similaridade da vida destes seres, assim como também sua linguagem miscigenada começa a absorver intercalações de rugidos animais.

Conforme se observa em alguns trechos da narração, o tigreiro afirma ser parente de onça, em outros indaga se é parecido com elas, o que pode indicar seu conflito existencial.

Mecê acha que eu pareço onça? Mas tem horas que eu pareço mais. Mecê não viu. Mecê tem aquilo __ espelhim, será? Eu queria ver minha cara . . .tiss, n't, n't . . .Eu tenho olho forte. Eh, carece de saber molhar a onça, olhar com coragem: hã, ela respeita. Se mecê olhar com medo, ela sabe, mecê então tá mesmo morto. (ROSA: 2001,p.204)

Como dissemos anteriormente, o onceiro só demonstrou piedade apenas com um ser humano “Maria Quirinéia” que mexeu com ele emocional. No reino animal ele tem apreço pela onça Maria – Maria que lhe faz afagos que lembram a sua mãe, e este fato merece atenção especial, pois, assim como o faz sentir bem, pode ter sido a força motivadora para que ele resolvesse ser onça, como acrescenta Galvão (1978) sobre o parentesco mitológico da onça aos povos indígenas, ao passo que, no onceiro está interligado a sua origem materna .

“Ela lambe minha mão, lambe mimoso, do jeito que elas sabem alimpar o sujo de seus filhotes delas; se não, ninguém não agüentava o rapo daquela língua grossa, aspra, tem lixa pior que a de folha de sambaiba; mas senão, como é que ela lambe, lambe, e não rasga com a língua o filhotinho dela?” (ROSA: 2001, p.210)

As vítimas da onça são de origem negra, é como se este fato houvesse sido usado intencionalmente por seu criador, para que constituísse um elo com o contexto histórico e uma parcela significativa no grupo dos excluídos. No conto o onceiro miscigenado estava em busca de uma nova identidade para dar um novo sentido em sua vida, e pode ter visto na atitude de matar os que ali também viviam uma maneira de se vingar dos humanos e uma forma de libertação de sua atual condição miserável como a que ele mesmo se encontrava.

Por mais que o onceiro exprima o desejo de ser onça, as ligações com a civilização humana continuam a perseguí-lo. Como podemos perceber

durante sua conversa com o suposto visitante em que demonstra através do relato a sua apreciação pela cachaça. Como nós a conhecemos, faz alterar as sensações e despertar ações inesperadas principalmente naqueles que de alguma maneira estão repreendidos, como parece ser o caso do personagem ao relatar fatos de sua vida a um estranho.

No final do conto nos deparamos com o mistério indagado pelas suas últimas palavras, que se tornam ambíguas por não sabermos o que realmente aconteceu.

(...)Mecê me mata, camarada vem, manda prender mecê . . .
Onça vem, Maria – Maria, come mecê. . . Onça meu parente. . .
Ei, por causa do preto? Matei preto não, tava contando bobagem . . . Oi a onça! Ui, ui, mecê é bom, faz isso comigo não, me mata não . . . Eu – Macuncôzo. . . Faz isso não, faz não . . . Nhenhenhém. . . Heeé! . . .
He . . . Aar – rrã . . . Aaãh . . . Cê me arrhoôu
. . . Remuaci . . . Rêiucáanacê . . . Araaã . . . Uhm . . . Ui . . . Ui . . .
Uh . . . uh. . . êêê . . . êê . . . ê . . . ê . . . (ROSA: 2001, p.235)

Aqui neste trecho citado parece que o onzeiro é acuado pelo seu visitante que pressente o perigo do homem – onça e parte para o ataque, e aquele sente a ameaça e nega toda a estória contada como um ato de astúcia, até se reconhece com um nome “Macuncôzo”. Então, neste final, fica a ambiguidade, pois sugere ao mesmo tempo que o onzeiro se arrepende da estória contada ou mesmo que esta usando de tal artifício para atacar seu hóspede ou mesmo pode indicar ao reconhecer-se com um nome, uma nova tentativa de retorno ao reino humano.

2.2 A linguagem como parte constitutiva do ser humano

A cada trecho do conto “Meu tio o lauaretê” em que nos deparamos com a constituição do homem, neste caso o onzeiro miscigenado e

seu conflito existencial, nos levam a indagar questões sobre a constituição psicológica deste ser, por isso iremos nos embasar na teoria de Freud (1976).

Estar em busca de explicações, seguindo a concepção freudiana, das zonas mentais que influenciam as atitudes humanas, levam-nos a entender um pouco da constituição interna deste ser. Discernir a respeito da personalidade psíquica, ou seja, a mente é muito complexo. Pois entender aquilo que vivemos é fácil, agora quando se fala do interior no qual surgem os pensamentos, emoções, tudo muda. Na obra de Freud, *A dissecação da personagem psíquica*, a partir do "ego", pretende explanar a respeito de todas as áreas do psíquico.

Assim Freud transforma o ego em objeto de investigação, divide suas partes, e também da possibilidade de juntá-las novamente. Uma das áreas presentes no ego é a consciência, a outra denomina "superego," que age na consciência como um ditador de normas, e quando desobedecido faz o ego sentir remorso e culpa.

Todavia, o superego é uma instância separada do ego, e tem autonomia própria, o que não o impede de ter relações com o ego, como por exemplo, surge no indivíduo o sentimento de culpa: O superego aplica o mais rígido padrão de moral ao ego indefeso... (Freud: 1997, p.79)

Aqui no conto através da narração do onceiro, seu conflito existencialista, crise de identidade em que o ato de dialogar com um suposto visitante poderia ser um conflito do narrador - personagem consigo mesmo, uma atitude última em que perante seus pensamentos vê-se acuado.

Ao que prossegue no conto a conflitante relação do personagem, pode revelar partículas da miscigenação de raça, como também herança cultural: ao ato de matar onça, a ganância constituiria traços genéticos acometidos da raça branca que ao buscarmos em nossas raízes históricas não só apossaram das terras indígenas com também mataram e aprisionaram índios e negros. Assim o sentimento do sangue indígena que permeia o onceiro, compõe a realidade levando-o a uma crise existencialista, e enquanto índio remete ao respeito e ao conhecimento da natureza. Ao tomar consciência de seus atos não suporta o peso que acarreta a sua capacidade de pensar, e seu inconsciente o leva a sua atitude última que é o fracasso perante o real.

Ao que transcende a linguagem de "Meu tio o Iauaretê", o personagem parece estar em busca das suas origens, o que explica toda esta base conflituosa que o envolve. Enquanto índio seu consciente enxerga o que seu inconsciente o cobra, o erro pela fraqueza e ganância por matar onças, devido seu sangue ter traços de todas as raças que compõem sua existência.

Há entre o homem e os animais uma diferença muito grande que é a capacidade de pensar dos seres humanos. Através da prática da linguagem, o homem torna-se um ser social e crítico. Em seu estudo sobre a atividade do consciente A.R. Luria (1979) cita três itens que diferem o homem do animal: a atividade do consciente estar intimamente ligada às necessidades "superiores" que dentre estas se destacam as atividades cognitivas, responsáveis pelo interesse em adquirir novos conhecimentos, a influência do meio em que vive e a capacidade de assimilação da experiência de toda a humanidade, transmitida pela sociedade perante o contexto social em que vive.

Sabe-se que o homem pode refletir as condições do meio de modo imediatamente mais profundo que o animal. Ele pode abstrair a impressão imediata, penetrar nas conexões e dependências profundas das coisas, conhecerem a dependência causal dos acontecimentos e, após interpretá-los, (...) (A.R.LURIA: 1979, p.72).

Contudo, a influência do meio em que vive pode ser um fator extra na condição do onçeiro. A distância da civilização, a proximidade com o verde das florestas e dos animais, a ausência de uma companheira, enfim a solidão por não ter por perto as condições necessárias que um ser humano precisa para ser feliz e assumir-se como tal.

Ao recriar ruídos e atitudes que permeiam a existência animal, pode ser a forma encontrada para dar um novo sentido a sua vida e tentar fazer parte deste mundo. No entanto, sua atividade humana, capacita-o a refletir suas atitudes e o intimam a agir de acordo com sua raça. Dessa forma, o fracasso parece estar transparecido em suas últimas palavras que apela para os ruídos animais, interpelam-se por aclamações da língua portuguesa e da indígena e por fim um apelo afro, que de acordo com o contexto histórico – social, faz parte da origem do povo brasileiro. Assim estaria nestes últimos apelos, o reconhecimento feito pelo personagem de constituir um ser humano,

em que pelas capacidades encontradas nesta criatura possibilita que ele se adapte a qualquer cultura e costumes, ou seja, viver em sociedade, diferenciando dos seres animais que agem por instinto e tem sua forma especial de vida, em que impera a lei da sobrevivência:

Por isto as raízes do surgimento da atividade consciente do homem não devem ser procuradas nas peculiaridades da "alma", nem no íntimo do organismo humano, mas nas condições sociais de vida historicamente formadas. (A.R.Luria:1979, p.75)

De acordo com a citação acima, o ser humano reflete aquilo que coexiste em seu meio, ou seja, a sua realidade. Assim encontra-se inserido no personagem do conto "Meu tio o Iauaretê," as complexidades que a vida lhe oferece e que causa o surgimento de diversos sentimentos, que o levam a refletir sobre sua existência, que circunda redentor da cultura ora do branco, ora do índio. Contudo, como dissemos anteriormente, o meio em que vive influencia na tomada de decisões e pode ter influenciado o personagem ao assumir - se enquanto parente de onça.

Como podemos observar o onçeiro tentou de todas as formas, principalmente através de sua linguagem, transferir toda sua existência de ser humano em animal. Procurou imitar rugidos e viver de acordo, porém ao que sugere sua origem humana ao se deparar com as atividades do consciente, fator recíproco no homem, através dos pensamentos, pode ter feito o reconhecimento da sua inadequação a vida animal. Conforme percebemos no conto através do seu relato, enquanto pratica sua linguagem como se observa no seu diálogo com um suposto visitante, mesmo que permeada de resquícios da sua atual condição, parece permitir que ele reflita toda sua existência, é o que veremos no que segue nesta análise.

2.3 O IMPLÍCITO NA LINGUAGEM DO IAUARETÊ

Sabemos que o homem tem a capacidade de falar e pensar. Assim ao viver em sociedade e adquirir linguagem, possibilita que ele possa

aprender e transmitir conhecimentos. Ao passo que a linguagem desempenha papel fundamental na vida do ser humano, pois através dela que o homem vive em sociedade e pratica o senso crítico:

A importância da linguagem para a formação da consciência consiste em que efetivamente penetra em todos os campos de atividade consciente do homem, eleva a um novo nível o desenrolar dos processos psíquicos. (A.R LURIA: 1979 p.82).

Haja vista que, com a escassez da linguagem, o homem não exercita sua memória e conseqüentemente, perde o poder do raciocínio lógico, e permanece naquele ciclo, não há mudança em sua vida, é o caso do personagem Fabiano e sua família, da obra "*Vidas Secas*" do autor Graciliano Ramos que vive distante da civilização, passando por privações, exploração, e por não dominar a língua e não praticá-la acaba vivendo naquele constante sem nenhuma expectativa aparente de mudança.

Com base no que foi dito, no onceiro a linguagem constitui a própria existência do ser. Enquanto dialoga com um suposto visitante, exercita sua mente, e com isto retrocede cada instante de sua vida, principalmente a angustia por matar onças e não ter um motivo aparente que lhe dê conforto. De maneira que a linguagem permanece como expressão de seus pensamentos: (Cê tem medo?, (...) Mecê então não pode ser onça). (ROSA,2001, P.204)

Negar a própria existência de ser humano foi à forma encontrada pelo onceiro para dar sentido a sua vida, porém, suas capacidades de ser pensante configuram seus atos e pensamentos, mesmo que através da imaginação transfigurasse sua realidade até ao ponto em que pudéssemos perceber a metamorfose do homem onça, ela parece não se completar, pois como havíamos discutido antes, a prática da linguagem pelo homem permite que ele reflita e perceba tudo ao seu redor. De modo que, ele tem a capacidade de adaptar-se a culturas diferentes enquanto organização social do ser humano, e não se transformar em outro ser, aqui no caso um animal.

Assim suas últimas súplicas podem significar o reconhecimento feito pelo personagem da não possibilidade de adaptar-se ao mundo dos

animais, mesmo que conhecesse bem sua forma de vida. Porém havia uma coisa comum em todos os seres: a morte, desde os primórdios os seres nascem, crescem e morrem algum dia, pois somos mortais. Como vimos a linguagem perfaz os estágios mais avançados do ser humano, ao trecho final do conto **Meu tio o lauaretê**, resume - em uma palavra a morte, o que pode significar o fracasso do ser enquanto transformação em onça e a descoberta de uma coisa em comum em todos os seres, mas que nós humanos temos consciência, ou seja, que morreremos algum dia.

A linguagem é capaz de criar uma realidade, que no caso do narrador personagem, influenciou sua vida, inerente ao pensamento, possibilitou uma experiência que transcende sua própria essência e permitiu-lhe uma busca por algo que realmente houvesse significado para sua existência e uma atitude última de salvação. Porém, não alcançou êxito, pois através das capacidades cognitivas e psíquicas humanas, acionadas com o uso da linguagem, fez que o onceiro percebesse a sua inadequação no reino animal.

... Eu Macuncôzo ... Faz isso não, faz não ... Nhenhenhém ... Heeé ... (ROSA: 2001, P.235) Nas palavras expressa pelo onceiro, ao se reconhecer um **Macuncôzo**, como afirma Haroldo Campos (1992) é um apelo afro, supõe em nossa pesquisa constituir uma nova tentativa a partir de suas raízes culturais á adequação a vida humana, ou seja, a busca por uma identidade.

Conforme dissemos Guimarães Rosa explorou as possibilidades latentes na língua portuguesa. No conto **Meu tio o lauaretê**, abrangeu as peculiaridades da língua padrão e também da língua indígena que transparece na linguagem do personagem onceiro. A preferência do autor pela linguagem oral, é devido à facilidade de transcrição e por estar mais próximo de conseguir mostrar o homem e sua realidade. Assim Guimarães Rosa intencionalmente faz uso das regras do funcionamento da língua conduzindo-a como ninguém e absorvendo todas as capacidades de criação que a língua oferece:

O escritor não inventa "significantes inteiramente novos dissociados das formas existentes em sua língua (...) sua tarefa é explorar as possibilidades latentes dentro do sistema da língua com que esta

lidando e conferir existência concreta aquilo que existia até então como algo meramente em potencial. (COUTINHO: 1983 p.205).

Como afirma Coutinho não há uma língua criada pelo artista, o que há é a exploração de suas possibilidades e do conhecimento do artista sobre elas. O estudioso de Guimarães, Haroldo Campos (1992) afirma que neste conto com o uso excessivo de pontuação, ou seja, ritmo lento, demonstra a preocupação estética e a semelhança com os padrões da linguagem oral, reflete flexibilidade e o caráter linear de seu estilo. Ao fazer uso de interjeição, expletivos e imitar os rugidos da onça com o uso de onomatopáicos da mais ênfase a narração e aproxima com a realidade do onzeiro: "Eh- eh" (Língua tupi, "eê, eêhegue"); "Ã, hã" (forma de negação para homens, tupi "aan, aâni"); "ixe" (pronome pessoal no tupi, eu = ixe ou xe). Conhecedor de língua como ninguém, Guimarães Rosa, como supõe fazer no conto *lauaretê* ousa inovar na língua indígena e demonstrar que em todas as línguas há a possibilidade de novas construções sem passar por cima das estruturas que a regem.

O título "*Meu tio o lauaretê*" remete qualquer leitor em potencial perceber a aparente ligação do personagem com a origem indígena, devido somente a referência ao substantivo próprio o *lauaretê*. Porém para quem lê a totalidade do título supõe se tratar de um índio ou um descendente não puro sangue, mas um miscigenado.

Se procurarmos nas raízes históricas, na cultura do povo brasileiro, remete a outras raças que compõe a nossa história, o branco, o índio, e o negro. No caso do onzeiro tem suas origens na raça branca de seu pai, e outra parte indígena da mãe.

Todavia, a escolha da raça branca e do índio para compor a narrativa pode ter sido com o objetivo de aproximação histórica dos portugueses, representantes do dominador que acomete e eleva as incertezas na vida do onzeiro. Revela que ainda nos primórdios o índio vivia da caça e da pesca em harmonia com a natureza, contudo a presença dos portugueses influenciou em toda sua cultura. Assim a proximidade e o contato com tudo ao redor, ou seja, as florestas, os animais e o conhecimento da forma de vida destes seres, o faz refletir tudo ao seu redor. Como afirma Walnice Nogueira Galvão (1978) em *Mitologia Rosiana* é a volta do cozido ao cru, como um

regresso a pré-história. Com este teor primitivo, o escritor supõe dar mais ênfase a estória e possibilidade maior com a essência psicológica do personagem.

A palavra no conto **Meu tio o lauaretê**, permeia cada instante e possibilita a ocorrência da ambigüidade, que para muitos que lê parece ser um diálogo com um suposto visitante, contudo, pode não haver outra pessoa consigo e sim constituir uma reflexão, ou seja, um relato psicológico de suas ações e sentimentos que o acometem. O momento da metamorfose do onceiro, sugere que seja um ponto a confirmar a conflituosa relação do personagem para com sua existência, pois perante a capacidade do ser humano do uso da linguagem permite que ele não só reflita sua vida como também fantasie uma nova realidade, e ao adentrar este mundo fantasioso em que vive o personagem nos deparamos com esta possibilidade de transformação. Tudo ao seu redor influencia ao acontecimento da língua portuguesa à língua indígena que remete a natureza dela para tudo que o rodeiam, aos animais, as árvores, enfim todo conhecimento sobre as onças nos convencem que se trata de um homem-onça. De modo que através das interrogações e afirmações, transforma-se num instante em homem onça. Conforme foram expostos os medos e o próprio conflito entre a vontade de ser onça e a própria possibilidade não são possíveis, pois a voluptuosa natureza humana não se adapta a vida de outros seres, não apenas pela capacidade de linguagem, mas também por se organizar em sociedade e se constituir enquanto ser pensante.

CAPÍTULO 3

A face humana no fictício

No conto de GR, há a personificação de um homem identificado por seu caráter rústico e primitivo, segundo aspectos que permeiam a narrativa. A partir de traços psicológicos, expostos através do monólogo interior, relata a sua vida enquanto caçador de onças vive isolado na floresta, demonstra ser conhecedor da vida animal e através da narração levam-nos a uma convincente metamorfose, pois traços típicos do homem, misturados a astúcia do onzeiro possibilita o concreto perante o fictício.

Todavia que, o personagem da obra ficcional apresenta verossimilhança com a realidade, porém não se constitui uma cópia do real, pois enquanto arte valoriza e enriquece a criação:

Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados. Daí a psicologia moderna ter ampliado e investigado sistematicamente as noções e subconsciente e inconsciente, que explicariam o que há de insólito nas pessoas que reputamos conhecer, e, no entanto nos surpreendem, como se uma outra pessoa entrasse nelas, invadindo inesperadamente a sua área de essência e de existência. (BRAIT: 1996, p. 56)

De modo que, a partir dos conflitos do homem, o artista procurou representá-lo, principalmente o teor psicológico em que muito significa. Pode haver a influência do ambiente, dos costumes, do abandono de algum hábito, enfim, tudo reflete em seus atos e escolhas. Assim, o onzeiro de costumes primitivos, através do seu relato permite a projeção psicológica que prepara para uma transformação. De início supõe fazer um convite a presenciar todo conflito existencial que acomete sua vida, e então indaga a falar de suas façanhas em busca de caçar onças. Em muitos trechos há interferências com afirmações que ele é parente de onças e em outros interroga a própria incerteza de parecer com elas, e essa fusão de detalhes, permeados de

Mistérios por todos os lados que se completa com a negação parece complementar a narração do incerto.

De acordo com a narração do onceiro, sugere que o personagem seja esférico, por surpreender a cada instante, desde o convite para entrar em seu mundo, intercalado por resquícios duvidosos de caráter, e até mesmo transportar-se para outra dimensão, porém quando achamos que houve um novo sentido para sua vida, somos surpreendidos pelo novo apelo que assume toda sua existência.

Contudo, a personagem de ficção assim como um ser real apresenta o caráter fragmentado por apresentar traços do homem possuidor de um caráter incerto, que será moldado de acordo com quem presencia a cena a partir de suas ações. No entanto, permanecem ocultas na face da conduta humana, que já deu margens a diversos estudos psicológicos que tentam desvendar os mistérios que acometem este ser.

A personagem de Rosa é um ser fictício que trilha pelo caminho da arte literária, ou seja, constitui uma conduta de valor que reproduz a essência da alma. Assim através da linguagem miscigenada do onceiro parece estar permeada por toda a expressão em conjunto do homem, a raça do branco representa o evoluído, e o índio remete o primitivo. A partir de então, surgem dados, enquanto caçador de onças constitui o auge de sua existência e a ausência deste hábito, haja a procura de um novo sentido a sua vida. As afirmações, interrogações e a própria negação levam a indicar a possibilidade de domínio do incerto em sua vida, as peculiaridades do seu lar, a fraqueza perante a nova escolha, e por fim o desespero. Há, neste momento, a presença figurativa do revólver que pode configurar a sua incapacidade de enxergar o futuro constituído a partir do que o rodeia:

O romance moderno procurou, justamente aumentar cada vez mais esse sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuir a idéia de esquema fixo, de ente delimitado, que decorre do trabalho de seleção do romancista. (BRAIT: 1996, p.59).

Como afirma Brait (1996), descrever exatamente aquilo que decorre da personalidade do personagem fictício na modernidade permanece

implícito, capaz de nos levar a encontrar diversas faces em um mesmo ser, ou seja, apresenta as complexidades que o envolvem, porém evita enquanto mimeses desvelar os mistérios que na realidade humana representa a busca que almeja muitos estudiosos no mundo, a fim de desvendar a mente humana e suas atitudes.

Ao manejar a vida dos seus personagens, GR não só buscou inovar na linguagem, capaz de representar suas ações como também fazer uso do mito, e através dele transcender o próprio mundo real, de modo absolutamente coerente, ao fazer uso destes elementos que é a escolha de muitos escritores, realiza o impossível perante a imitação do ser da terra no fictício.

Enquanto que **MTI**, temos na figura do onceiro um ser fragmentário, ou seja, um ponto de vista, supomos alcançar a verossimilhança, pois é o próprio onceiro que narra, de forma que, a cada instante é descrito com maiores riquezas de detalhes e de veracidade dos fatos.

Encontra-se na obra "Meu tio o lauaretê", o teor primitivo base do romance, que através do relato remete ao histórico, enquanto período colonial, o explorador, o homem branco, dominava todos ao redor, principalmente as tribos indígenas no Brasil. A referência a esta herança cultural configura toda essência conflituosa do personagem, que se vê acuada na incapacidade de conduzir sua vida, mesmo que através das suas escolhas imaginárias, sua mente o incapacita a uma nova similaridade de vida que poderia ser possível perante uma organização de vida humana, mas não da vida animal. Lembrando que, segundo A.R. Luria (1979) o ser humano é munido de bases biológicas, porém não é instintivo como o outro ser. Dessa forma, a humanidade é capaz de fazer uso da mente, e sempre estar em busca de novos aprendizados e lhe é permitido a capacidade de transmissão desses novos conhecimentos, que por sua vez, lhe permite através do uso da linguagem configurar o funcionamento subsequente dos pensamentos que o leva a refletir seu mundo. E essa capacidade mental do ser humano, configura a realidade do personagem onceiro por impossibilitar a transição para uma nova dimensão enquanto transformação em onça, pois reconhece a organização de vida e a lei da sobrevivência, em que os mais fortes sempre

vencem por causa de seu instinto e não pelo grau de inteligência que o afugenta.

3.1 O Epifânico em Guimarães Rosa

Segundo Abdala Junior (2004) a escritura Epifânica, ou seja, a representação transcendental da realidade, foi o fenômeno que ocupava posição central nas obras dos modernistas dos anos 30. No Brasil destaca – se os da 3ª fase do período modernista, nomes como Guimarães Rosa, o termo é originário do grego *Epiphaneia*, que na mitologia grega representava as manifestações de divindades. De modo geral, nos modernistas o conceito original resgatou a religiosidade e misticismo.

Conforme apresenta o crítico, como em Joyce o processo epifânico deixou de lado as experiências da realidade para constituir a representação desta, que se manifesta também nos autores brasileiros.

Hilsky, de acordo com Umberto Eco, encontra nessa concepção da epifania ecos da estética romântica, centrada na essência transcendental da realidade e no papel criador do sujeito poético, ao mesmo tempo que aponta os traços impressionistas, presentes na tentativa de captar instantes frágeis e efêmeros. (ABDALA JR: 1994, p.177)

A arte poética como foi apresentado, cria uma delicada contemplação que representa o desenvolvimento do caráter humano na obra de ficção. No conto **Meu tio o laualetê** através do percurso linear, caracteriza o mundo do personagem que com a veracidade do narrado permite que nós presenciemos a transformação de um ser perante sua imaginação. Outro fato que chama a atenção é a própria crença do personagem ao referir a onça Maria – Maria estar ele mais próximo de sua mãe.

Ã – hã. Maria é bonita, mecê devia de ver! bonita mais do que alguma mulher. Ela cheira á flor de pau- d' alho na chuva. Ela não é

grande demais não. É cangussú, cabeçudinha, afora as pintas amarela, clara, clara. (ROSA,2001, p. 209)

Na citação acima, o personagem narrador ao referir-se a onça Maria-Maria a idealiza, de modo que a vê como algo sagrado. Em outro trecho quando fala do cheiro dela supõem lembrar da figura feminina da mãe, pois a considera melhor que todas as mulheres do mundo. Assim constitui todo teor epifânico da obra em que é possível transcender para dimensões em que tudo se torna possível.

Aqui no conto **MTI**, o processo epifânico, como afirma Martins (1994), a própria linguagem do personagem constitui um teor epifânico, ou seja, ela perfaz cada instante do ser e torna - se importante no processo o constitui. Como podemos perceber no personagem onceiro, a sua linguagem sugere uma transcendência ao manifestar o desejo de ser onça, de maneira absolutamente verídica. Assim a Epifânia foi de grande valia para a construção da personalidade de seus personagens, onde é possível transcender os limites da própria realidade. Ao passo que este fenômeno possibilitou a obra ficcional, tornar – se representatividade verossímil das atitudes e problemáticas humanas, de modo geral abrange fatos sobrenaturais. Em **Meu tio o lauretê** o narrador - personagem enquanto trava um diálogo com um suposto visitante, através da sua linguagem exprime todos os fatos que permeiam sua existência, fatos esses que acarretam em uma crise de identidade, ao expressar a vontade de ser onça, chega ao ponto de percebermos a sua transformação. Como dissemos anteriormente, a sua linguagem é a própria caracterização do momento conflituoso do personagem, ou seja, ambas parecem estar em busca de uma identidade que se encontra em formação.

Considerações finais

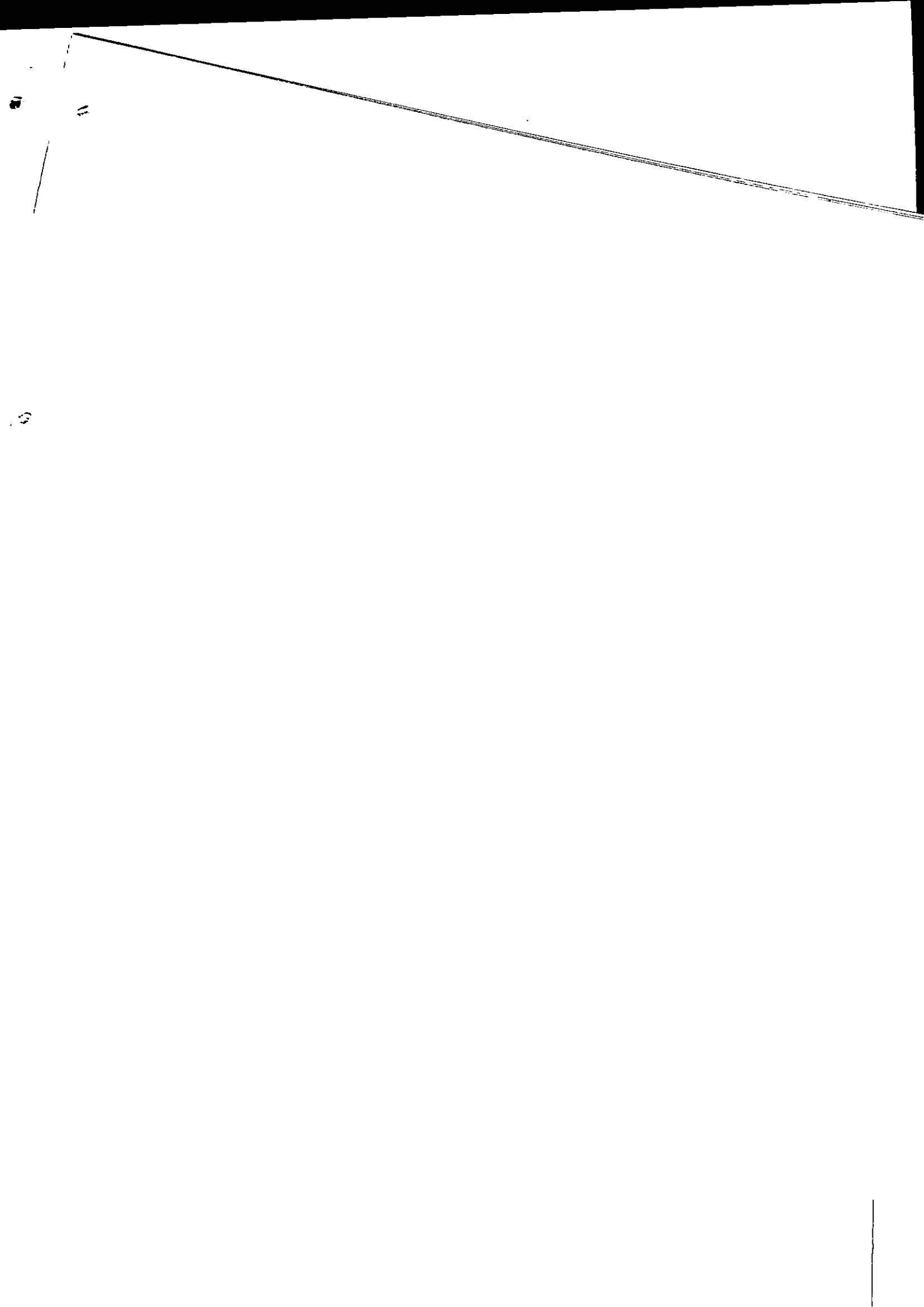
Conforme se observa na obra de Guimarães Rosa, o princípio da atividade criadora, proporciona uma maior apreciação do conteúdo da narrativa, de maneira que, no conto **Meu tio o lauaretê**, a figuração lingüística e o teor fabulativo em ressonância com a língua tupi, elevam a atividade narrada a um vislumbamento de acontecimentos. Ao depararmos com o diálogo do narrador personagem cada palavra nos guia a um emaranhado de mistérios na vida deste ser. De modo que, através da linguagem miscigenada propicia uma proximidade com a ambientação do narrado.

Todavia, a máxima expressão deste conto, esta voltada para a oralidade, marca deste grande escritor, por acreditar que esta forma lingüística, possibilita o desenvolvimento da imitação da realidade humana como expressão de suas atitudes e incertezas, pois como salienta Campos:

(...) aqui, neste "lauaretê," a prosa incorpora o "momento mágico ou da metamorfose" como queria Pound no seu projeto *cantares*, ela se faz no âmbito ovidiano onde se cumpre à metamorfose em ato. Então, não é a história que cede o primeiro plano à palavra, mas a palavra que ao irromper em primeiro plano, configura a personagem e a ação, devolvendo a história. (CAMPOS:1992, p. 59)

Ao passo que, situado na 3ª fase do modernismo, as obras de Guimarães Rosa, transcende como é característico neste momento literário, a constituição psicológica dos seus personagens. E esta busca através do uso da linguagem inovadora, caracterizou aspectos importantes que configuram a representação humana na obra de ficção.

Levando em consideração que a alma humana transfigura uma margem misteriosa, a partir das atividades conscientes, o homem eleva seus pensamentos e através desta possibilidade de linguagem, repercute na identificação reflexiva de seus atos. Assim a capacidade mental do homem, perante a realidade, permeado pela influência de seu meio, remete ao comprometimento social e cultural da sua vida. Na qual a suposta crise existencial no caboclo de Rosa, se enquadra a esses resquícios da mente



BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mario. **Macunaíma**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985

A. R. LURIA. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1979.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense S.A, 1994

BOSI, Alfredo. **Literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: CULtrix, 1997.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1976.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Série princípios. São Paulo: Ática, 1996.

BRASIL, Assis. **Guimarães Rosa**. São Paulo: organização Simões, 1969.

CALOBREZI, Edna Tabaroni. **Morte e alteridade em estas estórias**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2001.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**: Perspectiva, 1992.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CHIAPPINI, Ligia, BRESCIANI, Maria Stella. **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**, (orgs), São Paulo: Cortez, 2002.

COUTINHO. Eduardo f. **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; [Brasília]: INL, 1983. In: PORTELLA. Eduardo.

Decifrações de Guimarães Rosa. Cultrix 43, ano IV.

FREUD. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise – I (1933[1932]).
Ed. Standart brasileira das obras de psicologia completas de Sigmund Freud.
A dissecação da personalidade psíquica. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O impossível retorno.** In: Mitologia Rosiana. São Paulo: Ática, 1978.

JOBIM, Jose Luis. **Literatura e Identidades.** Rio de Janeiro: Capes, 1999.

JOBIM, Jose Luis. **Literatura e Identidades.** Rio de Janeiro: Capes, 1999.

LEITE, Maria Chiappini Moraes. **Estudos literários.** 10ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

L.S. Vygotsky. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins fontes, 1994.

LUCAS, Fabio. **Razão e emoção literária.** São Paulo: Duas cidades, 1982.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** Rio de janeiro :Record, 1998.

ROSA, João Guimarães. **Estas estórias.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

SANTOS, Paulo Sergio Nobre (org.). **Ciclos de literatura Comparada.** Campo Grande: EDUFMS, 2000.

SAUSSURRE, Ferdinand de. **Curso de lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1998.